



Sócrates vai ao programa de entrevista na TV: análise de técnicas de diálogo no

“Roda Viva”¹

Raul Mourão Ruela²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Na análise do programa “Roda Viva”, da TV Cultura, verificamos como a possibilidade do emprego de técnicas do diálogo socrático pode favorecer a relação entre mídia, sociedade e política. Da antiga Ágora à nova praça pública dos meios eletrônicos, questiona-se se a televisão, acusada de ofertar pouco espaço a assuntos de interesse público, mas marcada pela oralidade, pode favorecer o debate político e a democracia. O modelo de Sócrates emprega técnicas como a síncri-se e a anácrise, as quais, entre outros fatores, caracterizam-se pela evocação de diferentes pontos de vistas, contradições das ideias em discussão e o estímulo ao interlocutor para externar suas opiniões. Para tanto, este trabalho analisa duas entrevistas do programa com o então ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, um diplomata, cuja profissão tem o diálogo como uma das principais ferramentas para o jogo político.

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos. Entrevista. Diálogo socrático. Política.

Introdução

Questionam-se quais seriam os limites capazes de distinguir entre uma boa entrevista jornalística e aquela que não passa de um mero ato para captar informações com pouca análise e interação. As razões da elaboração deste trabalho estão em saber identificar o percurso necessário para se conseguir diálogos em programas de entrevista na TV que sejam marcados pela busca de uma interação dialógica, a construção de saberes, escuta, percepção, inter-relação e conhecimento do outro.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluno da especialização em Comunicação Empresarial da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF), especialista em Análise Ambiental e em Marketing, ambos pela UFJF. E-mail: rm.raulmourao@gmail.com



A televisão, um veículo que tem sido acusado, em geral, de informar e desinformar, conquistar audiência por meio do espetáculo e sensacionalismo e, colocada no banco de réus ainda por criar falsas realidades, poderia permitir-se aos desafios do diálogo? Um dos modelos de discurso que buscamos está na Antiguidade Grega, construído através do método socrático dialógico. Instaurado por Sócrates, a conversa a seu modo se dá por debate de ideias: apresentam-se vários pontos de vista sobre um mesmo assunto e estimula-se a expressão do interlocutor. Com isso, pretende-se que a entrevista construa ideias, pensamentos por meio da conversa franca entre entrevistador e entrevistado.

Consideramos que, para obter uma conversa franca, o jornalista necessita estar atento a alguns procedimentos e estratégias como a escuta, a relação que estabelece com entrevistado, às formas de perguntar, interferir. Entre essas técnicas, está a percepção de linguagem não-verbal, a atuação no improviso e o questionamento de pontos falsos, contraditórios ou infundados do interlocutor. São atitudes que vão ao encontro das concepções de diálogo por Sócrates. Evita-se assim, entre outros prejuízos, a superficialidade de encontros mecânicos ou com respostas preestabelecidas. Para o foco da análise do emprego do método de diálogo optamos pelo programa Roda Viva, veiculado em rede nacional, pelas TVs Cultura, Brasil e TVE, às segundas-feiras, 22h, e pela internet, no mesmo dia, ao vivo, às 17h30. A escolha foi motivada pelo fato de o programa ter sido citado pelo autor Arlindo Machado entre os programas que se aproximam do método socrático na TV.

A metodologia empregada para o estudo é a Análise de Conteúdo, a partir da qual apresentamos parte da revisão bibliográfica sobre entrevista na TV e método de diálogo socrático e o contexto em que ocorre o programa (histórico do Roda Viva, conjuntura). A unidade de registro a ser codificada, portanto, é o método socrático de diálogo. A análise restringe-se à entrevista com o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, realizada no dia 24 de março de 2008. A escolha dessa edição como amostra é por abordar temas controversos, como a presença do Brasil no Haiti e a relação com a Venezuela, com a possibilidade de ocorrer mais questionamentos, discussão e escuta.



O diálogo de Sócrates para a TV

O diálogo está entre as formas de comunicação que ganha destaque, na Grécia Antiga, no qual a entrevista está inserida. Nessa época, um filósofo implementa um meio de como discutir, obter informações e crescer, no discurso, ampliar a visão junto com o interlocutor. O estudioso é Sócrates³.

Bakhtin (1986, p.94-96) *apud* Machado (2005, p.72-73) considera, inclusive, que o surgimento do diálogo, como gênero, na antiguidade grega, ocorreu “a partir principalmente do método socrático, que serviu de modelo a praticamente todos os grandes dialogistas do primeiro período (Xenofonte, Ésquilo, Fédon, Alexameno, Glauco, Simmios, Euclides, Anthisteno etc).” A importância do diálogo, na Grécia, é observada quando se desenvolve a democracia. Anteriormente, famílias aristocratas tinham criado um modelo de educação próprio que afirmava ser o homem ideal aquele que era guerreiro, belo e bom. Esse padrão masculino era envolvido pela beleza trazida do corpo que concorria em Olimpíadas, danças e jogos de guerra. A bondade era proporcionada seguindo as virtudes dos Deuses e de heróis, principalmente, a coragem para morrer na guerra. Uma vez instalada, a democracia destina a educação para a cidadania, que permite a consciência de saber ser governado e poder governar. Por garantir a participação no governo, o cidadão tinha o direito de se exprimir, discutir e defender, em público, suas opiniões. O discurso e a fala são valorizados.

No entanto, aos poucos, essa liberdade de expressão transformou-se por alguns grupos em um excesso de discursos persuasivos, que podem deixar de lado virtudes para obter vantagens desleais. Entre essas pessoas, chamadas de sofistas, os mais conhecidos que aderiram à ideia foram Isócrates de Atenas, Protágoras de Abdera e Górgias de Leontini. Sócrates era contrário aos sofistas, pois julgava que eles defendiam qualquer ideia independente de suas consequências.

A opção pelo caminho socrático, segundo ele, começava no autoconhecimento. É notável a expressão que usava: “Conhece-te a ti mesmo.” O saber sobre si permitiria

³ Filósofo nascido, em 470 ou 469 a.C, em Atenas, filho de Sofrônico, escultor, e de Fenáreta, parteira. Aprendeu a arte paterna, mas dedicou-se inteiramente à meditação e ao ensino filosófico. É conhecido como o patrono da ciência. Foi condenado a tomar cicuta, em 399 a.C, por ser considerado contra a ordem.



conhecer limites, preconceitos, organizar-se e aceitar-se como ignorante, no sentido de desconhecer as coisas. Assim inicia o método socrático, por meio da maiêutica⁴. Consiste em extrair ideias por meio de perguntas; supondo que as tais ideias já existem na mente “grávida” do sujeito, mas precisam de um “parto” para se tornarem manifestas. (BLACKBURN, trad. Murcho, 1997, p.332)

O filósofo colocava pessoas umas diante das outras para discutirem assuntos sob os mais diversos ângulos. Ele não impunha caminhos nem direcionava respostas. Os dois procedimentos mais importantes usados por Sócrates, no diálogo, são a *sínkrise* e a *anácrise*.

O primeiro baseia-se na confrontação de dois ou mais pontos de vista sobre o mesmo assunto, a partir de perguntas sobre algum conceito, por exemplo. Mais à frente, a partir de novas perguntas, demonstrava que existiam contradições nas respostas de seu interlocutor. Era preciso, por conseguinte, que o outro reavaliasse a explicação e tomasse consciência da ignorância.

O segundo mecanismo, a anácrise, procura formas de fazer o interlocutor expressar as ideias mesmo quando elas não estão claras para a pessoa. Sócrates acreditava que, dialogando, o indivíduo esclareceria os próprios pensamentos. O filósofo instaura, assim, um mecanismo de busca pela verdade por meio do diálogo, que

[...] se opõe ao monologismo oficial que se pretende dono de uma verdade acabada, opondo-se igualmente à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica. Bakhtin (1986, p.94) *apud* (MACHADO, 2005, p.73)

A busca pela verdade é atravessada pela interação entre os interlocutores e a consciência de que um não pode impor um sentido ao outro, sob o risco de prejudicar o diálogo.

⁴ Do grego *Maia* (mãe, parteira) - uma das deusas que formam as Plêiades - e de *téchne* (técnico); isto é, "arte da obstetrícia".



[...] Ele [o mestre] só pode operar como um braço auxiliar da razão, que, uma vez ativada, traz em si o princípio que a faz produzir, isto é, conhecer. Interferir nesse processo, colocando na alma do outro um saber que não nasceu ali é uma opção pelo fracasso. Ele não promove a conversão, ele não opera o ‘milagre’ que levar a agir. Ou, se o fizer, a conduta assim provocada terá a qualidade das imitações, e bastará uma circunstância negativa para desviá-la de seu verdadeiro fim. Tal como ocorre com estátuas de Dédalo, ‘saberes’ transplantados têm a leveza das plantas que não têm raízes. Apenas o encadeamento promovido dialeticamente pela razão pode aprofundá-los, e consolidando-os, torná-los fixos[...] (BARROS, 2007)

Transferida a proposta da maiêutica para a entrevista, infere-se, a princípio, que ela não se enquadraria. A razão estaria em o jornalista não ser um mestre que teria a função de fazer nascer de seu interlocutor uma ideia, uma vez que necessita muitas vezes do conceito pronto e rápido do outro.

Entretanto, o jornalismo pode extrair técnicas socráticas. O jornalista, quando entrevista alguém, pode apontar características contraditórias e ser contrário a verdades dogmáticas. Além disso, ao passar sua mensagem para o público, o repórter pode auxiliar o leitor a conhecer sobre determinado assunto, sem que conceitos sejam impostos. Por que não discutir ideias, fatos, problemas, num diálogo, usando as técnicas socráticas? Seria permitido na TV?

O diálogo na TV

De acordo com o professor de semiótica e curador Arlindo Machado (2005, p.74), a televisão e o rádio trazem de volta a possibilidade de formas de diálogo no mesmo sentido que ele era praticado na Antiguidade e, sobretudo, por meio do método socrático. Há a volta da oralidade – “ou mais exatamente, o advento de uma segunda fase da oralidade, mediado por tecnologia de gravação e transmissão” – (Ong, 1987, 133-136, *apud* MACHADO, 2005, p.74). No entanto, de acordo com o autor, os *talk shows* e debates da TV atual ainda estão distantes de adotar tal modelo de interação. Somente algumas produções listadas por Machado (2005, p.74-80), consideradas por ele mais ousadas, é que demonstram a execução desse retorno da oralidade e o uso da técnica dialógica de Sócrates. Uma dentre várias causas do sucesso, conforme o autor, estaria na fuga do esquema das grandes redes nacionais ou internacionais.



Machado relata, segundo ele, uma das mais belas ocasiões de construção dialógica: as séries de TV coordenadas pelo cineasta Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville, chamado *Six fois deux*, exibido, entre 1976 e 1978, para o *Institut National de l'Audiovisuel*, na França. Em uma entrevista, Godard afirma que o método socrático serviu de modelo inspirador para a sua criação, conforme Machado (2005, p.74).

A série consiste, como diz o título, em seis emissões com duas partes distintas cada uma, voltadas todas elas para a discussão do problema da comunicação na vida cotidiana e na mídia. A primeira parte de cada episódio é um ensaio audiovisual sobre algum aspecto da produção e consumo de mensagens no trabalho e no lazer, enquanto a segunda é um perfeito diálogo socrático entre Godard e um entrevistado sobre o assunto precedente. (MACHADO, 2005, p.74)

Na primeira edição, candidatos a emprego atraídos por um falso anúncio no jornal a pedido de Godard são pagos para serem entrevistados. Na conversa, são questionados em vez de a respeito das aptidões pessoais, mas sobre o trabalho assalariado, a exploração no serviço e o desemprego.

Outra edição, nomeada *France/tour/détour/deux/enfants*, da mesma série, trazia um jornalista, Robert Linard, e duas crianças de seis e oito anos, Camille Virolleaud e Arnaud Martin, respectivamente. “[...] Linard não os trata como imaturos, nem se dirige a eles como normalmente os adultos se dirigem a crianças. Pelo contrário, como um bom manejador da anácrise, ele estabelece com os meninos uma intrincada, complexa e desconcertante discussão filosófica [...]” (MACHADO, 2005, p.76) Eles são perguntados sobre temas opostos e existenciais: consumo e produção, dever e obediência, imagem, origem da vida, o ruído e o silêncio, masculino e feminino, entre outros. São assuntos pouco discutidos na infância. Nessa fase da idade, percebe-se que o homem ainda está livre de padrões de pensamentos, é capaz de responder com mais liberdade. A dupla é abordada em seus afazeres cotidianos. A discussão é suscitada sobre alguma das ações delas. Quando Camille é obrigada, por castigo, na escola, a escrever cinquenta vezes uma frase, o jornalista aborda-a. Ele faz perguntas que envolvem o dever, a obediência às leis, a revolta, as diferenças entre invenção e cópia, as relações entre escola e empresa.



Um debate fervoroso, “na melhor tradição socrática”, na constatação de Machado (2005, p.78), ocorreu em 1995 entre Godard e o ator Michel Piccoli, num programa produzido pelo próprio Godard a respeito dos cem anos do cinema. O pedido partiu do *British film Institute*. Piccoli era o responsável por planejar os eventos comemorativos dos cem anos da história do cinema, em Lyon - a cidade francesa onde os irmãos Lumière começaram a produzir seus primeiros filmes. Na entrevista, no entanto, em vez de seguir o ufanismo do ator, Godard vai aos poucos desconstruindo a imagem do cinema do mundo e francês na atualidade, questiona ainda a originalidade dos Lumière. “O diálogo é tenso, às vezes, até desconfortável, malgrado mantido nos limites da civilidade. Não há muito que comemorar, parece querer dizer Godard, enquanto seu interlocutor faz das tripas coração para salvar o seu projeto.”(MACHADO, 2005, p.78). Entre outros exemplos (2005, p.78-79) considerados modelos de encontros dialógicos na TV na percepção do autor são:

- várias séries de entrevistas conduzidas por Bill Moyers, nos EUA. Ele entrevistou as principais personalidades da ciência e cultura contemporânea. Em alguns casos, apresentava o mesmo grau de conhecimento que o entrevistado (desde 1970);
- o programa *Apostrophes*, apresentado por Bernard Pivot, e *Océaniques*, dirigido por Pierre André-Boutang, na França;
- Teleanálisis, de Augusto Gongorra, no Chile (1984-89);
- Incidentes, dirigido por Jorge La Ferla, na Argentina (1996);
- Diálogos Impertinentes, coordenado por Gabriel Priolli, no qual dois especialistas da mesma área debatem temas geralmente abstratos e transdisciplinares: dor, desejo, o feminino, etc. (TV paga - desde 1995);
- Ética, uma série documental fora do esquema dialógico socrático-bakhtiniano, por apresentar monólogos de filósofos e intelectuais brasileiros, mas em contrapontos (TV Cultura - 1994).



Adiciona o extinto Vox Populi e o Roda Viva, ainda no ar, exibidos pela TV Cultura. A experimentação vem também de Glauber Rocha (1939-1981) no “Abertura”, programa exibido durante e logo após a ditadura militar, destinado a dar voz a pessoas censuradas, como exilados políticos.

Em corrente semelhante de idéias e da metodologia de Sócrates está o que Cremilda Medina (1986, p.7) nomeia “Diálogo Possível”. Ocorre quando “[...] entrevistado e entrevistador saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU” [caixas altas da autora]. Ela, assim como Arlindo Machado, mas cada um ao seu modo, afirma que há espaço para o diálogo possível ou o método socrático por meio da mídia no cotidiano do homem moderno contemporâneo.

Algumas condições estruturais são estabelecidas por Arlindo (2005, p.79-80) para que o encontro alcance o diálogo socrático. Ressalta antes que a “grandeza dos resultados obtidos em todos os programas deriva, naturalmente e em primeiro lugar, das inteligências neles envolvidas”. Um ponto fundamental é a necessária autonomia para os participantes, liberdade para poder fugir do script sem constrangimentos. Esse roteiro não deve fixar movimentos, nem o que é recomendável falar ou a forma com que se deve expressar um pensamento. Outra característica é que o debate deva ser “o fruto exclusivo das ideias, e a astúcia única que se espera de um bom moderador é sua técnica de fustigar ideias, para que elas possam emergir.” Uma marca da televisão, principalmente a comercial, que atrapalharia o bom desenvolvimento de um encontro é a amarra ao tempo. “Grande parte dos debates promovidos sob essas circunstâncias são marcados pelo ritmo ferrenho do cronômetro, com perguntas e respostas desferidas a queima-roupa, sem intervalos para pausas, hesitações ou reflexões.”

No Roda Viva, é possível trabalhar sem o constante olhar e corte do cronômetro? Quais são as condições que o programa consegue alcançar? E, se as obtém totalmente ou parcialmente, é possível perceber um diálogo com características do método socrático? Essas perguntas farão parte da análise da edição do programa com o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim. Antes, um pouco da história do Roda Viva.



Histórico do Roda Viva

O primeiro “Roda Viva” foi ao ar, em 1986, durante o período de redemocratização do país. O programa tem a duração de uma hora e meia, exibido todas as segundas-feiras, pela TV Cultura da Fundação Padre Anchieta e retransmitido em rede nacional por outras emissoras de todos os estados brasileiros. São mais de mil entrevistas com personalidades do cenário nacional e internacional. Dez apresentadores ⁵já passaram pelo programa, todos com experiência em jornalismo.

“O programa oferece à sociedade brasileira uma informação de interesse público, promovendo o aprimoramento educativo e cultural de telespectadores e internautas, visando a transformação qualitativa da sociedade.” (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 2009). O entrevistado é colocado no centro de uma arena e questionado por uma bancada composta por jornalistas e personalidades de destaque, com a expectativa de os participantes trazerem para o evento comunicativo metas conflitantes. Mesclam-se características da entrevista e do debate.

Desde maio de 2008, o Roda Viva utiliza o microblog Twitter para envio e troca de mensagens instantâneas na internet. Quase um ano depois, investiu na integração da TV com a internet, passando a transmitir o programa on-line antes da versão televisada. É a IPTV Cultura, a webTV da Fundação.

Durante a exibição, promove interação por meio de um canal de bate-papo, usa conteúdos multimídia para contextualizar o tema em debate e abre três transmissões simultâneas do programa para que o telespectador tenha acesso a múltiplos ângulos, com a visão da câmera do programa ao vivo, dos bastidores e dos desenhos do cartunista Paulo Caruso. (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 2009)

O programa afirma-se como democrático na escolha dos convidados e assegura uma visão abrangente do pensamento contemporâneo. Declara que se transformou “no mais respeitado programa de entrevistas da televisão brasileira”.

⁵ Rodolpho Gamberini (de 1986 a 1987), Augusto Nunes (1987-1989), Jorge Escosteguy (1989-1994), Rodolfo Konder (1990), Roseli Tardelli (1994), Heródoto Barbeiro (1994 a 1995 e 2009/2010), Matinas Suzuki Jr. (1995 a 1998), Paulo Markun (1998 a 2007), Carlos Eduardo Lins da Silva (2008), Lilian Witte Fibe (2008),



Análise do programa

A entrevista com o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim⁶, foi veiculada no dia 24 de março de 2008. O entrevistado fala sobre relações com Colômbia, Venezuela, a missão que o Brasil coordena no Haiti, as rodadas de negociações na Organização Mundial do Comércio (OMC), Conselho de Segurança, etnocídio em Darfur (Sudão), Alca e Mercosul, além de outros assuntos.

Ao iniciar, o programa apresenta uma minibiografia do entrevistado e lembra os principais fatos relacionados à política externa brasileira. Uma das frentes de ações do Brasil é a atenção à América do Sul, equilíbrio nas relações com parceiros tradicionais e o aumento do número de aliados comerciais do Brasil no mundo. Destaca a maratona de viagens realizadas pelo presidente e ministro a diversos países, além de mostrar que o Brasil busca fortalecer parcerias com Rússia, China, Índia e África, motivadas pela suspensão das negociações da Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e onde o Mercosul (Mercado Comum do Sul, união aduaneira formada então por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai), aguardava a aprovação da Venezuela como novo membro. O programa destaca ainda o aguardo da assinatura de acordos com a União Europeia.

No plano político, a diplomacia brasileira também procura ser mais influente. Quer um assento permanente do Brasil no Conselho de Segurança da ONU e trabalha para firmar um papel de liderança na América do Sul. Recentemente, o Brasil teve uma atuação importante no controle da crise [entre Equador, Colômbia e Venezuela] criada depois que militares colombianos atacaram um acampamento do grupo guerrilheiro Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia [Farc] dentro do território do Equador. (...) Uma dor de cabeça a mais para a diplomacia que, no caso do Brasil, ainda teve que enfrentar, quase ao mesmo tempo, um outro tipo de crise: brasileiros barrados na Espanha. Só na primeira semana de março foram 30; de janeiro até agora, mais de mil. O Itamaraty protestou junto ao governo espanhol e ameaçou usar o princípio de reciprocidade. A imigração brasileira chegou a barrar a entrada de cidadãos espanhóis no Brasil sob a mesma alegação. Após duas semanas de tensões, o ministro Celso Amorim acertou uma espécie de trégua com a Espanha, para que o problema seja discutido e resolvido. (RODA VIVA, 2008)

⁶ Celso Luiz Nunes Amorim (Santos, 3/6/1942) é ministro das Relações Exteriores desde 2003, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Em 2009, a revista americana *Foreign Policy* indicou Amorim como "o melhor chanceler do mundo". Em 1993, foi ministro das Relações Exteriores de Itamar Franco (presidente entre 1992 e 1994). No governo Fernando Henrique (1995-2002), foi embaixador do Brasil na ONU e, depois, embaixador brasileiro em Londres.



A entrevista é mediada pelo jornalista e apresentador do programa, Carlos Eduardo Lins da Silva. Participam com perguntas na bancada, o editor de Brasil da revista Isto É, Cláudio Camargo; o editor de Internacional da revista Época, Marcelo Cavallari; a colunista do jornal Folha de S.Paulo, Eliane Cantanhêde; a coordenadora de relações internacionais da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, Maria Lúcia Pádua Lima; o repórter especial do jornal O Estado de S. Paulo, Lourival Sant’Anna; o sociólogo, especialista em relações internacionais e editor do jornal Mundo, Geografia e Política Internacional, Demétrio Magnoli; e a repórter do Núcleo de Jornalismo da TV Cultura, Carmem Amorim, responsável por falar as perguntas enviadas pelos telespectadores e internautas. Duas delas foram respondidas durante este Roda Viva. Há ainda profissionais na plateia, posicionada ao redor do entrevistado, em bancada, em nível acima aos dos entrevistadores.

A diversidade de participantes, embora se concentrem em profissionais da mídia, traz a possibilidade de se apresentar diferentes pontos de vista sobre os assuntos abordados na noite, necessários para uma conversa mais democrática, plural. Cabe ressaltar que o diálogo é o meio central do programa para se chegar a um esclarecimento ou pelo menos suscitar e manter o debate de ideias. A entrevista, inclusive, ocorre com um diplomata, que tem no diálogo, uma das principais ferramentas. “Eu acho o seguinte: o nosso objetivo, aqui, é buscar a conciliação, buscar o diálogo”, reforça Celso Amorim em relação ao papel do Brasil nos desentendimentos entre os presidentes da Colômbia, Álvaro Uribe, e da Venezuela, Hugo Chávez.

No entanto, o ministro é questionado se a diplomacia não tem utilizado apenas da retórica para resolver ou fingir resolver assuntos importantes. A retórica, enquanto método de persuasão, ou o diálogo franco estarão nesta entrevista? A técnica socrática em foco privilegia a conversa franca.

Logo no início do programa, o apresentador posiciona-se como “ignorante”, pedindo esclarecimento do entrevistado sobre problemas enfrentados pela diplomacia brasileira, embora tenha noções. Sócrates posicionava-se como não sabedor (“só sei que nada sei” é uma frase atribuída ao filósofo), para então despertar (“parir”) em quem conversava o conhecimento que a pessoa trazia internamente. Pode-se dizer que o jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, portanto, teve atitude semelhante à de Sócrates, consideradas as



proporções. Ele pergunta: “O que aconteceu com a América do Sul? O sonho de integração está adiado, está passando por problemas ou isso são distúrbios naturais da ordem internacional?” A mesma técnica é empregada por Cláudio Camargo: “O que aconteceu, que houve uma crise tão surpreendente que quase levou muita gente a pensar que os países latino-americanos fossem se envolver numa guerra, e, de repente, conseguir se restabelecer um consenso em que Chávez abraçava o [Álvaro] Uribe [presidente da Colômbia], Uribe abraçava o presidente do Equador? O que houve?”

Outra premissa do diálogo socrático, conforme Bakhtin, é a refutação das verdades dogmáticas, sendo assim o método nega o monologismo oficial, que apresenta um discurso autoritário. Um representante do governo normalmente está embuído de “verdades” da plataforma política que seus representantes defendem.

As contestações a essas verdades aparecem no primeiro bloco do programa sobre a posição do Brasil na relação de conflitos entre países sul-americanos. “Se nem a diplomacia está dando conta disso, como a gente vai botar no mesmo saco [Conselho Sul-Americano de Defesa, defendido por Amorim] militares da Venezuela, da Colômbia, da Bolívia, do Equador... Não é um passo muito mais adiante...?”, pergunta Eliane Cantanhêde.

Mais à frente, o editor da revista *Época*, Marcelo Cavallari, questiona o ministro sobre a presença do rei da Espanha na intermediação entre Uruguai e Argentina que discordavam da presença de uma empresa papelreira na região. “Mas o Mercosul não deveria ser o foro privilegiado, e não o rei da Espanha?”, indaga. Em resposta a Marcelo Cavallari sobre a posição do Brasil em relação a crimes no Sudão, considerada pelo jornalista como tímida, Celso Amorim discorda e lembra que o espaço é aberto para percepções contrárias. “(...) Olha, eu não concordo com vocês. Eu respeito as opiniões divergentes, mas eu não concordo. E nós achamos que, sem a participação da União Africana, você pode fazer a condenação que fizer a um país, que isso não vai valer, não vai melhorar a situação”, argumenta Amorim.

O debate mais efusivo é protagonizado pelo sociólogo Demétrio Magnoli em todo o decorrer da entrevista. Ele contesta respostas do ministro, faz perguntas seguidas, interferências e emite opiniões. “Não, eu quero que o Brasil tome uma posição sobre o



que está acontecendo”, expressa Magnoli. Em dois momentos, ele tem a atenção chamada pelo intermediador da entrevista e o ministro chega a supor que ele queira se colocar na posição dele. “Eu não estou dizendo isso. Você não me deixa falar, Demétrio! Você faz muitas perguntas, faz suposições; talvez você devesse estar sentado aqui eu aí...”, diz Celso Amorim. “Não, não! Isso não seria bom para o Brasil”, responde Demétrio. Nota-se que parte das contestações é em razão de respostas “diplomáticas” e que despertaram também a reação negativa em outros entrevistadores.

Os mais céticos, portanto, não esperam uma conversa franca com o ministro, em que ele dirá todas as razões de uma ação do Palácio do Itamaraty e quais as reais intenções do governo na política externa. Ele próprio disse na conversa: “Agora, volto a te dizer: diplomacia age também com discrição. Se eu puser no jornal cada passo que a gente dá, é a garantia de que não vai dar certo.” No entanto, é possível questioná-lo, tentar extrair pontos fundamentais, “pareceres”, pontos contraditórios. Diferentes percepções são evocadas, meio para se instaurar a síncrize, no espaço do Roda Viva, em que cada um apresenta sua voz.

É assim também que a anácrise, “a técnica de provocar a palavra pela palavra”, defendida por Sócrates, levando o interlocutor a externar suas opiniões preconcebidas, objetivando a revisão destas concepções, desmascarando sua falsidade à luz da nova realidade, é empregada na entrevista, apesar de o efeito não ser verificável completamente. Porém, percebeu-se faces de aspectos envolvidos na política externa brasileira: como a abstenção na votação contra medidas no etnocídio no Sudão, a relação ambígua com Venezuela etc.

Nesse trabalho de trazer luz à realidade, não é somente o entrevistado que tenta impor ou demonstrar sentidos a determinados temas. Parte dos entrevistados também defende suas “verdades”. Para Eliane Catanhêde, a sigla Casa é melhor que Unasul para designar o bloco de países sul-americanos. Para Demétrio Magnoli, “o problema da Colômbia são outras fronteiras”, depois de o ministro afirmar que há cooperação entre Brasil e Colômbia em suas fronteiras. (e não a do Brasil). E assim prosseguem.

Em relação ao cronômetro típico da TV, percebe-se que não há forte pressão de tempo para responder as perguntas urgentemente. O apresentador interrompe para abrir



intervalo comercial e avisa quantos segundos faltam para o encerramento do programa. Outra forma de marcação do tempo é notada pela necessidade de entrevistadores participarem, antes que fiquem sem chance de intervirem e um assunto se prolongue “mais do que o necessário”.

Devem-se considerar as diferenças entre a entrevista em destaque e as discussões filosóficas promovidas por Sócrates nas praças de Atenas. Cada uma é realizada conforme seu tempo, propósito e limitações (como o tempo de duração na TV), porém, aplicam métodos socráticos semelhantes, como contestação de verdades ditas absolutas, esclarecimento sobre determinado assunto, contestação, exposição de pontos de vista diferentes, extração de percepções do entrevistador, valorizam o diálogo. Há poucos programas de entrevista na TV aberta brasileira que propõem esses fins. Nesta entrevista com o ministro Celso Amorim, o Roda Viva, instaurou debate, buscou esclarecer ideias, trouxe o assunto da política externa para a mídia, a atual praça pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Gilda Naécia Maciel. Sócrates - Raízes Gnosiológicas do Problema do Ensino. In: **MAIÊUTICA**. Disponível em <<http://vicenteoficina.blogspot.com/2006/11/mauitica.html>> Acessado em 09.jan.2011

BENETTI, Márcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Tradução de Desidério Murcho. São Paulo: 1997.

DORION, Louis-André. **Compreender Sócrates**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. **Roda Viva** – O programa. 2010. Disponível em <<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/o-programa>> Acesso em 20. dez.2010

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: 2001.



LIMA, Fernando Barbosa; PRIOLLI, Gabriel; MACHADO, Arlindo. *Televisão e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MACHADO, Arlindo. *A Televisão levada a sério*. 4.ed. São Paulo: Senac, 2005.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986